



Entrevista

Nadya Kronis

*(Graduanda em Antropologia
na Universidade Johns Hopkins)*

Por Soraya Fleischer e

Ana Clara Damásio (DAN/UnB)

Março de 2016

1 - Conte-nos um pouco sobre você. Onde você nasceu e cresceu? O que levou você à Antropologia? Alguma experiência pessoal influenciou você para essa área? Você sabia sobre esta área de estudo antes de entrar na universidade?

Eu sou estudante de graduação do terceiro ano na Universidade Johns Hopkins (JHU) em Baltimore, Maryland, um estado na parte nordeste dos Estados Unidos. Estou estudando Antropologia e gênero. Eu nasci e cresci na cidade de Nova Iorque, que fica a umas três horas ao norte aqui de Baltimore. Eu não tinha certeza do que eu queria estudar quando entrei na universidade e estava em algum lugar entre a escrita criativa e a Biologia. Acabei por

abandonar essa segunda ideia no início das aulas e gravitei naturalmente em direção à graduação em Antropologia, já que eu estava tendo a maioria das aulas nesse Departamento. Também a minha família é da antiga república soviética e eu sempre estive interessada em questões de choque cultural, migração e diáspora. Eu acho que a Antropologia oferece uma janela única para estudar esses temas.

2 - Como você escolheu a JHU? O que você tinha ouvido falar sobre a universidade? Tudo se tornou realidade uma vez dentro?

Eu me inscrevi na JHU em um impulso. Eu definitivamente não me via indo para essa



universidade quando eu visitei o *campus*, mas decidi me inscrever porque eu estava pensando em estudar Ciências na época e também fiquei impressionada com a quantidade de financiamento disponível para pesquisa de graduação em todas as áreas. Eu escolhi a JHU porque era a única universidade desse calibre em que eu fui aceita e uma de um punhado de escolas que me aceitaram de fato (as outras duas escolas eram no Canadá). Nos EUA, você escreve um ensaio de 500 palavras que é enviado a todas as universidades para as quais você se inscreve. E eu posso ter escrito um ensaio completamente inadequado – alguma anedota sobre ser relativamente independente e capaz de me ajustar onde eu fosse parar. É preciso colocar isso em contexto: as instruções sugerem que, neste ensaio, você discorra sobre a superação de desafios, momentos que mudaram sua visão do mundo ou seus sonhos/talentos para a faculdade. No caso das escolas médicas, muitas pessoas escrevem que sua mãe teve câncer para conseguirem convencer os avaliadores. Isto definitivamente não é o que as universidades americanas querem ouvir, já que estão vendendo o sonho

de um crescimento pessoal autocentrado, produto típico das áreas liberais. Então, eu acho surpreendente a JHU ter me aceitado. Ao contrário de muitos outros países, na JHU, em quatro anos, os alunos de graduação se formam com o grau de Bacharel em Artes (ou Ciências) e não iniciam os estudos profissionais, como Medicina e Direito, até chegarem à pós-graduação (outros três ou quatro anos muito caros). É comum que o modelo de educação nas áreas liberais, que enfatiza a «educação humanista», muitas vezes tenha requisitos de formação geral (certo número de disciplinas de Humanidades, certo número de disciplinas nas Ciências Naturais, etc.) e uma turma pequena (uma turma típica pode ter entre cinco e trinta pessoas inscritas). No entanto, a educação superior estadunidense é em grande parte privatizada e a média da dívida estudantil de um estudante que vai para a universidade privada é de US\$60.000 (sem qualquer tipo de auxílio financeiro), enquanto em uma universidade pública é cerca de US\$35.000. A atenção pessoal oferecida às turmas pequenas, a flexibilidade para escolher a dedo sua grade horária conforme o que você estiver

estudando e o fato de viver em um *campus* longe da família não é barato. Eu acredito que um resultado disso é que os estudantes de graduação se tornam consumidores de um tipo específico de produto ou experiência e têm certas expectativas como tal, a partir do quanto pagam. A JHU é uma universidade que é muito bem conhecida pela sua escola de Medicina e de Ciências Biomédicas, é por isso que as Humanidades e os departamentos de Ciências Sociais são menos conhecidos, definitivamente menos célebres e muitas vezes precisam lutar por financiamento. Isso tudo acontece apesar dos esforços da universidade para atrair um corpo discente academicamente diversificado, ou seja, não somente alunos pré-médicos, interessados em fazer Medicina. Apesar disso, ainda há grandes professores e programas.

3 - Poderia descrever o Departamento de Antropologia da JHU?

É um departamento muito pequeno em termos do número de alunos matriculados e acho que isso pode ficar um pouco opressivo no programa de pós-graduação. Eu tive a oportunidade de ficar e conhecer os



outros estudantes e ter aulas com a maioria dos professores ou com os alunos de pós-graduação (já que alguns recebem uma bolsa universitária e assumem algumas disciplinas). Em uma universidade de tamanho médio, como a Hopkins (com cerca de 6000 alunos de graduação), é difícil encontrar um departamento em que os alunos de graduação queiram conhecer os professores, assim como eles fazem no Departamento de Antropologia.

4 – Você poderia explicar como funciona a graduação? Quanto tempo dura, quantas disciplinas você tem que tomar? Existem cursos obrigatórios e também eletivos que você pode fazer de acordo com seus interesses de pesquisa?

A graduação em Antropologia (ou o programa de estudo que o estudante escolher para completar sua graduação) parece ter mudado um pouco ao longo dos anos. Quando eu entrei na universidade em 2013, era preciso fazer apenas duas disciplinas obrigatórias, uma série de disciplinas eletivas (6 ou 7) e a monografia. Essa pode ser chamada de “monografia com louvor”, que é um projeto de pesquisa em

que a estudante trabalha com um professor lendo, fazendo trabalho de campo, desenvolvendo suas ideias durante o penúltimo semestre do curso. Tipicamente, isso implica em escrever um texto de 30 páginas no último semestre. O “louvor” também exige que se façam vários anos de uma língua estrangeira. Também é possível fazer uma especialização em Antropologia, que é muito mais curta e tem um programa de estudos menos intensivo para alunos que se formam ou estudam outra coisa que não Antropologia. Muitos estudantes optam por um “minor”, isto é, uma área pela qual eles têm interesse em fazer algumas disciplinas, mas que não é seu “major”, isto é, a área principal de estudo na qual ele escolheu se formar. Uma vez que a graduação em Antropologia era tão fácil de concluir e tinha tais requisitos vagos, muitos alunos de outras áreas e em carreiras totalmente diferentes (tais como Medicina ou Administração) escolhiam fazer um segundo “major” ou mesmo um “minor” em Antropologia, ao passo que continuavam no seu “major” de origem. Mais recentemente, o número exigido de disciplinas subiu para quarto e o número total de disciplinas de Antropo-

logia para se formar em quatro anos aumentou para dez. Esse foi um esforço para reestruturar a graduação e eliminar aqueles estudantes que procuravam uma segunda graduação mais “fácil”. Cada disciplina tem aproximadamente quatro horas por semana, divididas conforme o tipo de aula específica. Em minha experiência, é possível ter disciplinas de acordo com seus interesses de pesquisa, mas se você não sabe quais são esses interesses quando você entra na universidade, fica mais difícil já orientar seu currículo. É muito mais comum os alunos pegarem uma variedade de disciplinas sobre diferentes temas ou partes do mundo até que descubram no que estão interessados mais para o final da faculdade.

5 - Como é a experiência de sala de aula na JHU? Todas as aulas são consideravelmente as mesmas, com palestras, seminários e apresentações do PowerPoint? Os alunos participam, falam suas ideias e discordam dos colegas e professores? Você já teve professores que experimentaram outras abordagens pedagógicas em sala de aula? Se você se tornar uma professora no futuro, você iria experi-

mentar outras ideias?

As turmas são de tamanhos muito diferentes e organizadas dependendo da área (Ciências ou Humanidades) ou do nível (introdutório ou avançado). Nas turmas pequenas, as aulas tendem ao estilo de seminário e na maior parte do tempo são baseadas em discussões. E, sendo honesta, não é um monte de gente que discorda dos colegas e professores, embora a oportunidade esteja lá. Eu tive um professor de Métodos que experimentou fazer saídas de campo e projetos em grupo (que envolve fazer um trabalho de campo muito condensado e escrever trabalhos em conjunto com outros estudantes). Eu definitivamente aprendi muito sobre como trabalhar em grupo, mas prefiro seminários e escrever meus trabalhos sozinha.

6 - Como você escolhe o orientador e o tema para seu projeto de pesquisa da monografia? Há oportunidades para fazer o trabalho de campo localmente e também no exterior?

Graduandos em geral desejam fazer uma “monografia com louvor” no curso de bacharelado, com exceção das pessoas que

fazem Antropologia como o “minor” ou como uma segunda graduação (o segundo “major”). Então, no último ano, o estudante desenvolve um projeto de pesquisa, chamada de “monografia sênior”. Somos livres para escolher nossos próprios orientadores e temas. Eu não fiz o meu ainda, não sei exatamente como é o processo, mas algumas pessoas bem organizadas fazem o seu trabalho de campo quando estudam no exterior. Eu diria que a maioria realiza suas pesquisas dentro da cidade de Baltimore e mudam algumas vezes de tema, quando percebem as limitações sobre o que eles querem fazer.

7 – Existem eventos, bolsas, revistas concebidas especialmente para o curso de Antropologia?

Os eventos e colóquios do Departamento não são realmente concebidos para um público específico. São abertos a todos, mas frequentados principalmente por professores e alunos de pós-graduação, embora os graduandos frequentemente apareçam também. Os seminários organizados pelos estudantes de pós-graduação são mais interdisciplinares ou políticos e tendem a

atrair mais alunos de graduação. O Departamento oferece uma bolsa de pesquisa durante o verão e organiza um concurso de monografias anualmente. Em uma universidade privada, pequena e com foco na pesquisa, como a JHU, há um monte de dinheiro disponível para financiar pesquisas de graduação e esta é uma das coisas que atrai os estudantes. Estas bolsas podem vir dos fundos da universidade (taxa de matrícula, investimentos, doações, fundos privados de ex-alunos etc.) e são alocados para esse propósito, departamentos específicos, pesquisa sobre determinados temas (como estudos latino-americanos, mulheres e estudos de gênero, Antropologia, etc.). Houve uma edição da “Argot”, uma revista de iniciação científica há sete anos. Nós recentemente a reiniciamos e espero vê-la sobreviver mais tempo do que a última edição. Pode ser encontrada nesse sítio: <http://anthroundergrad.wix.com/argotjournal1>

8 - Você teve alguma experiência profissional desde que chegou à JHU? Existem oportunidades para graduandos ou trabalho de campo, programas de intercâmbio, voluntariado, etc.? Como tudo isso

pode contribuir para sua experiência na JHU e para você como futura antropóloga? O que você mais acha que deve estar disponível para alunos de graduação?

JHU é um ótimo lugar para oportunidades de pesquisa, locais e globais, especialmente em tudo relacionado à Saúde Pública e Medicina. No verão passado, fiz um estágio na África do Sul pela Bloomberg School of Public Health. Foi a primeira vez em que eles contaram com uma estudante de Antropologia/Ciências Sociais/Humanidades em um estudo de Saúde Pública. Então, nós improvisamos e descobrimos como poderia ser meu papel ali dentro à medida que o estudo progrediu. A experiência definitivamente me ensinou muito sobre a saúde pública, sobre como é a experiência de fazer trabalho de campo e descobri que a condução de entrevistas é muito diferente do que aprendemos em sala de aula. Notei também que eu realmente gosto de ficar rondando clínicas todo dia e conversar com as pessoas. Eu acho que seria ótimo se o programa de pós-graduação em Saúde Global da Bloomberg oferecesse mais oportunidades para estudantes de Antropologia, como financiamento e parceria com estudantes

de Saúde Pública. Também seria ótimo se as disciplinas de saúde pública adotassem esta abordagem mais ampla, mas isso é outra questão.

9 - Como você vê a si mesma depois de se formar? Onde é que você, como uma antropóloga, gostaria de trabalhar? É fácil conseguir um emprego como uma antropóloga nos EUA? Você imagina a antropologia aplicada em seu futuro profissional?

Eu não estou planejando ir para dentro da academia tão cedo. Já percebi que é extremamente difícil encontrar um emprego na universidade com um contrato que dure mais de um ano ou que possa, eventualmente, efetivar aquele profissional na vaga. Essa situação é especialmente ruim para as pessoas que perseguem carreiras acadêmicas na área das Humanidades. É possível conseguir um emprego fora da academia, geralmente em uma instituição sem fins lucrativos ou em uma ONG, lugares onde você não precisa necessariamente ter um doutorado. A menos que você esteja tentando trabalhar para a CIA, que na verdade é um grande empregador de antropólogos

e definitivamente o melhor pagador. Seria ótimo se surgisse um monte de vagas para uma Antropologia aplicada à área da saúde, da assistência ou da política pública. No entanto, imagino-me aplicando algumas das perspectivas e modos de análise que eu aprendi ao completar a graduação em Antropologia em minha carreira futura, que está parecendo que poderá ser na área de interesse público, direitos civis, e/ou a lei das liberdades civis. Espero que tudo isso tenha como foco a má conduta policial e os direitos dos prisioneiros.



Interview

Nadya Kronis
Anthropology undergraduate at Johns Hopkins University

by
Soraya Fleischer and Ana Clara Damásio
March 2016

1. Tell us a bit about yourself. Where were you born and raised? What drove you to Anthropology? Did any personal experience influence you towards this area? Did you know about this area of study before entering the university?

I’m a third-year undergraduate student at Johns Hopkins University in Baltimore, Maryland studying anthropology and gender studies. I was born and raised in New York City. I wasn’t really sure what I wanted to study when I entered university and was somewhere between creative writing and biology. I ended up abandoning that second idea about a week into my classes and sort of naturally gravitated towards the anthropology major since I was taking most

of my classes in the department. Also my family is from the former republics of the USSR and I’ve always been interested in questions of culture clash, migration, and diaspora--I think that anthropology offers a unique window onto studying them.

2. How did you choose JHU? What had you heard about the university? Did it all come true once you were in JHU?

I applied to JHU on an impulse--I definitely did not see myself going there when I toured it, but decided to apply because I was thinking of studying science at the time and was also impressed by the amount of funding available for undergraduate research across disciplines. I chose JHU because it was the only university of its caliber that I was accepted to, and one of a handful of schools that accepted me at all (the other two schools were in Canada). In the US, you write one 500-word essay that is sent to every school that you apply to, and I may have written a completely inappropriate one--some anecdote about being relatively independent and able to adjust wherever I end up. (To put this in context, the prompts for this essay are about over-

coming challenges, moments that have changed your worldview, or your dreams/ talents for college--and similarly to American medical school applications, way too many people write that their mom had cancer for it to be true). This is definitely not what American universities, which are selling a personal growth-centered, liberal arts product, want to hear, so I think it’s telling that JHU accepted me. Unlike in many other countries, undergraduate students graduate their four year university with a Bachelor of Arts (or Science) degree, and don’t begin professional studies such as medicine or law until graduate school (another very expensive three or four years). The liberal arts education model, which emphasizes “humanistic education,” often has broad general education requirements (taking a certain number of humanities classes, a certain number of natural science classes, etc.), and small class sizes (a typical class may have between five and thirty people enrolled) is popular. However, American higher education is largely privatized and the average student loan debt of a student who goes to public university is around \$35,000, while private universities cost

\$60,000 per year without financial aid-- the personal attention of small classes, flexibility to hand-pick your schedule (depending on what you're studying), and living on a campus away from family doesn't come cheap. I believe that one result of this is that undergraduate students become consumers of a specific type of product or experience and have certain expectations as such, given how much they pay. Johns Hopkins is a university that is very well-known for its medical school and biomedical sciences, so its humanities and social science departments are less well-known, definitely less celebrated, and sometimes struggling for funding, despite the university's efforts to attract a more academically diverse student body (i.e. not all pre-medical students). Despite this, there are still many great professors and programs.

3. Could you describe the Anthropology Department at JHU?

It's very small in terms of the number of students enrolled, which I think may get slightly oppressive in the graduate program, but is great in the undergraduate program. I've had the opportunity to get

to know and take classes with the majority of the faculty and with graduate students, some of whom teach their own classes on a university grant. In a mid-size school like Hopkins (about 6000 undergraduate students), it's difficult to find a department in which undergraduates get to know the faculty as well as they do in the Anthropology Department.

4. Could you explain how does the undergraduate major work? How long is the entire major? How many courses do you have to take? Are there obligatory courses and also elective ones that you can arrange according to your research interests?

The major (or program of study that a student has chosen and needs to complete in order to graduate) in anthropology seems to have changed a bit through the years. When I entered university in 2013, there were only two required classes, plus the honors thesis (a project that students work on with a faculty member, reading, doing fieldwork, and developing their idea during the first semester of their senior year and writing a paper that is typically around 30 pages their last semester, and a number of

elective classes that you could take in order to complete the major, which added up to a grand total of 6 or 7 classes (without honors or the foreign language requirement, which means that students need to take several years of a foreign language). It is also possible to do a minor in anthropology, which is a much shorter and less intensive program of study for students majoring in or studying anything other than anthropology--many students choose to minor in a subject they're interested in taking classes about but did not choose as their primary area of study. Since the anthropology major was so easy to complete and had such lax requirements, many students primarily studying other subjects and on entirely different career paths (such as medicine and business) chose to double major in anthropology, or study anthropology alongside their other degree program. Now the number of required classes has gone up to 4 and the number of total classes in anthropology required to graduate in four years has increased to 10 in an effort to restructure the major and weed out those looking for an easy second major. Each course is approximately four hours



per week, split up differently depending on the specific class. In my experience, it's possible to take classes according to your research interests, but unless you know what those are when you enter university, that is difficult. It's much more common for students to take a variety of classes on different topics, parts of the world, etc. until they find out what they're interested in towards the end of college.

5. How is the classroom experience at JHU? All classes are pretty the same, with lectures, seminars and PowerPoint presentations? Do students participate, speak their ideas, and disagree with classmates and professors? Have you had professors that experimented other pedagogical approaches in the classroom? If you become a professor in the future, would you try out other ideas?

Different classes are pretty differently sized and organized depending on whether they are science or humanities courses, introductory, or advanced, etc. In small, seminar-style classes, the majority of class time is discussion-based. If I'm being honest, not a lot of people disagree with class-

mates or professors, although the opportunity is there. I've had a professor for my Methods class experiment with class field trips and group projects (which involved doing very condensed fieldwork and writing papers together with other students). I definitely learned a lot about working in a group, but prefer seminars and writing my papers on my own.

6. Are you supposed to develop your own research project during undergrad years? If so, do you have an advisor to help you on this task? How do you choose the advisor and the research topic? Are there opportunities to do fieldwork locally and abroad?

Undergrads pursuing honors in the major (pretty much everyone except people who picked up anthropology as a second major because it was easy) develop a research project, called a senior thesis, in their final year. We are free to choose our own advisors and topics--I haven't done mine yet, so I don't know exactly what the process is like, but some well-organized people do their fieldwork when they study abroad. I would say most conduct their research

within Baltimore City and change topics a few times as they realize some of the limitations on what they want to do.

7. Are there events, grants, journals specially designed for the Anthropology majors?

The department's events and colloquia are not really designed for anyone specific, but are open to all and mainly attended by faculty and graduate students, although undergraduates often show up as well. Graduate student talks that are more interdisciplinary or political tend to be better attended by undergraduates. The department offers a summer research grant and hosts an essay contest annually. In a smaller, private research university such as JHU, there's a lot of grant money available to fund undergraduate research and this is one of the things that attracts students to the university. These grants may come from parts of the university's endowment (wealth that comes from tuition, investments, donations, etc.) that are allocated for this purpose, specific departments encouraging student research on certain topics (Latin American Studies, Women and Gender Stud-

ies, Anthropology, etc.), private alumni funds offering scholarships, etc. There was one issue of an undergraduate research journal seven years ago--we recently restarted it and hope to see it survive longer than the last one (check it out: <http://anthroundergrad.wix.com/argotjournal1>)

8. Have you had any professional experience since you got to JHU? Are there opportunities for undergrads at JHU and/or in summer fieldwork camps, exchange programs, volunteering etc.? How can all this contribute to your experience at JHU and to you as a future anthropologist? What else do you think should be available for undergrads?

JHU is a great place for research opportunities, local and global, especially in everything related to public health and medicine. Last summer, I did an internship in South Africa through the Bloomberg School of Public Health. It was the first time that they had an anthropology/social science/humanities student on a public health study, so we improvised and figured out what my role was as the study progressed. The experience definitely taught me a lot about

public health, about how the experience of doing fieldwork and conducting interviews is very different from what we learn about it, and that I actually enjoy hanging around clinics all day and talking to people. I think it would be great if Bloomberg's global health program provided more opportunities for anthropology students to receive funding to partner with public health students (and if the public health discipline adopted this approach more broadly, but that's another question).

9. How do you see yourself after graduating? Where would you, as an anthropologist, like to work? Is it easy to get a job as an anthropologist in the US? Do you picture applied anthropology in your professional future?

I'm not planning to go into academia anytime soon, seeing as it's extremely difficult to find a job with a contract that lasts for more than a year or that might eventually lead to tenure, and that the situation is especially bad for people pursuing academic careers in the humanities. It's possible to get a job outside of academia, but usually, that's a non-profit or NGO job that you

don't necessarily need a PhD for, unless you're trying to work for the CIA, which is actually a big employer of anthropologists, and definitely the highest paying. It would be great if a lot of applied anthropology jobs in health care, aid work, and policy suddenly sprang up. However, I do picture myself applying some of the perspectives and modes of analysis that I've learned while completing my anthropology major to my future career, which is looking like it might be in public interest, civil rights, and/or civil liberties law, hopefully with a focus on police misconduct and prisoners' rights.